



A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL PARA A COMPREENSÃO DO TERRITÓRIO DA ARTE: O EXEMPLO DO GRUPO SAVURU, CAMPINAS/SP

The importance of social mapping to understand the Territory of Art: an example of the Group Savuru, Campinas-SP

*La importancia de la cartografía social para la comprensión del territorio.
de Arte: el ejemplo del grupo Savuru, Campinas / SP.*

Vera Lúcia Santos Placido.¹
SANTOS, L.H.C.²

Recebido em julho de 2019. Publicado em outubro de 2019.

Resumo: O presente trabalho é fruto de um Projeto de Extensão desenvolvido na PUC-Campinas, com o apoio da PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, intitulado: Cartografias Sociais da Comunidade Afrodescendente em Campinas, SP. Como é sabido, a cultura afrodescendente é rica em sua capacidade de se manifestar em diferentes territórios. Pelas periferias das cidades há uma produção artística, muitas vezes invisível aos olhos da maioria, mas que, na contramão da cultura de massa, resiste e, a cada dia, reanima a memória e nos traz elementos importantes da cultura afro que se misturam e se fazem na cultura brasileira como um todo. Assim, a cartografia social do grupo Savuru intenta compreender como esse grupo, ao desenvolver suas diversas ações culturais na cidade de Campinas, não apenas resgata elementos importantes da cultura afrodescendente, mas, marca o território com uma característica própria onde a Arte é condição e condicionante na dinâmica territorial da periferia urbana.

Palavras -Chave: Cartografia Social, Território da Arte, Grupo Savuru.

Abstract: This paper is derived from an Extension Program developed at PUC-Campinas supported by PROEXT (Extension Programs and Community Affairs Office), titled “Social Mappings of the African-descendent Community in Campinas, São Paulo”. As the common knowledge goes, the African-descended culture is rich in its capacity to be manifested in different territories. There are artistic productions throughout the peripheries of the city – often invisible to most people, but resistant against the current of mass culture. These productions keep memories alive and highlight important aspects of the African culture that intertwine with the Brazilian culture itself. For this reason, the social mapping of Savuru aims at understanding how this group, by developing their various activities in the city of

¹ Docente Extensionista na Faculdade de Geografia da Pontifícia Universidade Católica, PUC-Campinas. E-mail: veraplacido@puc-campinas.edu.br

² Graduando e Bolsista de Extensão na Faculdade de Geografia da Pontifícia Universidade Católica, PUC-Campinas. E-mail: c.luis.hs@gmail.com

Campinas, not only brings back important elements of the African-descended culture, but it also marks the territory with its own features, in which Art is the condition and the determining factor in the territorial dynamic of urban periphery.

Keywords: Social mapping, Territory of Art, Group Savuru.

Resumen: *El presente trabajo es el resultado de un Proyecto de Extensión desarrollado en la PUC-Campinas, con el apoyo de PROEXT - Pro-Rectoría de Extensión y Asuntos Comunitarios, Título: Cartografías sociales de la comunidad afrodescendiente en Campinas, SP.*

La cultura afrodescendiente, como se sabe, es rica en su capacidad para manifestarse en diferentes territorios. En la periferia de las ciudades hay una producción artística, muchas veces invisible a los ojos de la mayoría, pero que, contrariamente a la cultura de masas, resiste y cada día, revive la memoria y nos trae elementos importantes de la cultura afro que se mezclan y hacen con la cultura brasileña un conjunto. Así, la cartografía social del grupo Savuru intenta entender cómo este grupo, al desarrollar sus diversas acciones culturales en la ciudad de Campinas, no solo rescata importantes elementos de la cultura afrodescendiente, si no también marca el territorio con una característica propia, donde el arte es condición y condicionante en las dinámicas territoriales de la periferia urbana.

Palabras clave: *Cartografía social, Territorio del Arte, Grupo Savuru.*

INTRODUÇÃO

A cartografia sempre foi essencial à Geografia; ora para delimitação de territórios, ora para o domínio por completo destes, esta ferramenta se traduz na própria linguagem geográfica. A medida que a Geografia foi se desenvolvendo, a Cartografia também avançou e, com o avanço técnico ganhou novos ares. Se, antes dependia exclusivamente da mente cartesiana de um geógrafo e/ou cartógrafo, hoje, muitos outros profissionais lidam com certa maestria no desenho cartográfico, já que softwares avançados nos colocam cada vez mais nos mapas.

Esta revolução de se projetar no mapa talvez seja a mais significativa nos nossos dias, embora pouco comentada entre os autores que discutem as atuais revoluções. O homem, enquanto animal, sempre esteve em um lugar e sempre se preocupou em entendê-lo. Hoje, de forma mais contundente, não queremos apenas entender nosso lugar, desejamos que ele seja conhecido por todos. Assim, a cartografia extrapolou os muros dos centros de pesquisa e de mapeamento e alcançou o dia-a-dia das pessoas. Este se (re)velar no mapa nasce em um momento histórico único: pessoas nos mais diferentes cantos do planeta estão se conscientizando que são sujeitos territoriais e lutam por seus direitos nos territórios em que estão. A migração, também tão presente na natureza humana, ainda é significativa, mas, ocorre concomitante a clara concepção de que não é mais preciso sair dos lugares; é possível alcançar a melhoria do próprio lugar a partir da colaboração de grupos de pessoas que formam um coletivo em rede.

Esta é a forma criativa que, grande parte das periferias urbanas mundo afora, tem encontrado para se revelar na sua identidade, ao mesmo tempo, resistindo as mudanças globais que chegam sem pedir licença. Aqui está um novo e importante papel da Cartografia: permitir

que as pessoas se vejam nos mapas. Não mapas oficiais, institucionalizados por outros desejos, mas àqueles elaborados por elas, a partir de experiências e percepções próprias.

Esta característica tem mobilizado vários projetos de extensão e de pesquisa que objetivam evidenciar as cartografias sociais como forma de expressão territorial e estratégia para firmar direitos territoriais. Há diversos exemplos de transformação de demandas sociais em políticas públicas, por meio da utilização de diferentes processos de “mapeamento participativo”, garantindo o reconhecimento de demandas de diversos tipos de comunidades, como quilombolas, pesqueiras, extrativistas, afrodescendentes, e de periferias. Exemplos significativos são encontrados na Amazônia e no Rio de Janeiro e, agora, se expandem por outras regiões no Brasil. Isso porque, como nos explicam Gorayeb e Meireles (2014), um grupo não pode ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas está, invariavelmente, ligada aos atributos da paisagem. Daí a importância da demarcação e caracterização espacial de territórios, especialmente daqueles em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, ou com vínculos ancestrais e simbólicos.

Desta forma, em vez de “apenas” informações técnicas, distantes de quem vivencia o lugar, o mapa social apresenta o cotidiano de uma comunidade ou grupo social. No mapa são colocados localidades, rios, lagos, cemitérios, casas, igarapés, grotas, terreiros, santuários – independentemente de seu tamanho ou condição. Mapeia-se também mobilizações sociais, descrevendo-as e georreferenciando-as com base no que é considerado relevante pelos próprios sujeitos estudados (UFPA, s.d.; ASCERALD, 2008). Isso se torna relevante nas lutas sociais porque as populações tradicionais dificilmente conseguem visualizar na cartografia oficial seu território e as suas demandas, pois há um vazio de informação sobre estes grupos, suas histórias, suas experiências, suas formas de trabalho, seus modos de existência coletiva. A cartografia social propõe a apresentar esses elementos, fazendo emergir a autoconsciência do grupo e a construção e o desenvolvimento de identidades próprias, (UFP, s/d.).

No Brasil, o conceito de cartografia social surge, no início da década de 1990, com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, coordenado pelo professor Alfredo Wagner, atualmente na Universidade do Estado do Amazonas. Este projeto obteve experiências de mapeamento social realizadas na área do Programa Grande Carajás, projeto de exploração mineral iniciado em 1980 pela Empresa Vale S.A., na Amazônia Legal, numa área correspondente a um décimo do território brasileiro (GORAYEB; MEIRELES, 2014). Esta ação resultou na elaboração de políticas fundiárias e ambientais nacionais, com a discussão de legislações, a elaboração de planos de uso, de manejo e de gestão territorial, e a criação de Reservas

Extrativistas (GORAYEB; MEIRELES, 2014). Se, no início a Cartografia Social se destinou aos povos na luta pelos seus territórios, hoje esta perspectiva se ampliou para outras formas de expressão territorial ou mesmo de confirmação dos direitos de determinados segmentos, com vistas à promoção social, étnica e cultural. Isso inclui ampliar e representar as vozes, interesses e necessidades e fortalecê-los para que reivindiquem seus direitos e mantenham suas instituições responsáveis nas decisões que afetam seus modos de vida (PLESSMAN, 2013).

Nesse sentido, cabe citar alguns exemplos de Cartografia Social desenvolvida no nosso país, a fim de evidenciar o nosso posicionamento, ou seja, através da expressão territorial é possível promover ações que garantam a melhoria da qualidade de vida, graças ao maior domínio do território habitado – há, desta forma, uma consciência territorial.

Os primeiros trabalhos de cartografia social no Brasil foram desenvolvidos em territórios da Amazônia Legal, e continuam sendo fortemente atuantes em estados como Pará, Tocantins, Maranhão, Acre e Amazonas, envolvendo populações tradicionais extrativistas, ribeirinhos, agricultores familiares e indígenas, devido aos grandes projetos de usinas hidrelétricas, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento das normatizações referentes às delimitações de terras indígenas e áreas de preservação/ proteção ambiental (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Pode-se citar também diversos estudos que são desenvolvidos com comunidades da região Nordeste, com foco nas comunidades pesqueiras e indígenas litorâneas, devido ao avanço dos empreendimentos de energia eólica, carcinicultura (criação de camarões em viveiros) e os resorts que atendem, em especial, à demanda internacional, além de territórios comunitários de agricultores familiares, quebradeiras de coco babaçu, cipozeiros, índios e quilombolas atingidos por grandes empreendimentos econômicos, como mineração, obras hídricas, dentre outros. Na região Sul existem relatos técnico científicos referentes ao mapeamento social com comunidades quilombolas e, na região Sudeste, com os caiçaras (pescadores tradicionais da região), (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Há cerca de três ou quatro anos, tem-se desenvolvido técnicas e métodos relacionados ao mapeamento social de comunidades urbanas, muitas vezes, com a utilização de mídias sociais e dispositivos tecnológicos diversos (móveis, de rede local e outros). Nesse contexto, podem-se citar dezenas de estudos em áreas de risco urbanas (por exemplo, no Rio de Janeiro, a Maré (complexo de favelas); em Fortaleza, a favela Poço da Draga, comunidades e associações indígenas na cidade de Manaus e em Belém (GORAYEB; MEIRELES, 2014).

Cabe mencionar também os resultados obtidos no primeiro biênio (2016-2017) do projeto de extensão aqui relatado e que desenvolveu a Cartografia Social da Comunidade Jongo Dito Ribeiro, gestora da Casa da Cultura Fazenda Roseira, em Campinas. A extensão desenvolvida nesta comunidade nos permitiu entender o tão importante é a dimensão territorial para toda e qualquer gestão comunitária. Ao iniciar as oficinas socioeducativas com a comunidade se identificou a rede territorial na qual está inserida e as suas principais demandas sociais. A comunidade, assim que percebeu a amplitude de sua rede, decidiu que era o momento de ressignificar suas ações e projetos, tendo em vista uma gestão compartilhada por todos. Assim, retornamos para o lócus Casa da Cultura Fazenda Roseira e mapeamos os projetos e as ações, redesenhando novas possibilidades de parcerias, tendo em luz a rede que haviam mapeado. Realizado o mapeamento dos parceiros na rede, a comunidade, estimulada pela nova percepção e consciência territorial, desejou pensar a sua autonomia, ou seja, se lançou rumo a um futuro que sabe, será mais justo quanto maior a capacidade em gerir os problemas e antecipar soluções; desta forma, decidiu elaborar o Plano de Salvaguarda da Comunidade como Patrimônio. Os resultados desta extensão estão consubstanciados em três fascículos, assim intitulados: Fascículo I: O Território na perspectiva da vivência; Fascículo II: O Território na perspectiva da gestão e o Fascículo III: O território na perspectiva da autonomia. (disponíveis em: <https://www.puc-campinas.edu.br/projeto-de-extensao-intitulado-cartografias-sociais-da-comunidade-afrodescendente/>).

Durante o desenvolvimento desse projeto se deu conta que a Cartografia Social pode e deve ir além no entendimento das expressões territoriais. No caso da comunidade afrodescendente, por exemplo, dada a sua riqueza e complexidade, se manifesta culturalmente de muitas formas: através dos terreiros de Umbanda e Candomblé, da organização da juventude, de grupos culturais de dança, teatro e outras expressões artísticas, de movimentos políticos que buscam articular vozes na defesa de seus direitos e denunciar atos e atitudes racistas, dentre outros. Cada uma dessas manifestações costuma agir fortemente em seus territórios, sem muito conhecimento do real alcance de suas ações na escala macro, ou seja, são sabedores da importância do território, mas, muitas vezes, não possuem sua real dimensão, muito menos a compreensão de que o território se organiza em rede. Em se tratando de grupos culturais, muitas vezes, desenvolvem suas atividades há anos, mas, são pouco conhecidos. Ou seja, há uma invisibilidade territorial que, por mais que haja políticas públicas de estímulo as ações culturais populares, estas não alcançam grande público.

Cabe aqui um questionamento: com esse cenário, qual o papel da cultura, especificamente a cultura popular nas organizações territoriais? Na mesma linha de pensamento, torna-se relevante indicar a defesa de Leonardo Guelman, coordenador do projeto “territórios da arte”

os territórios não são somente dimensões físicas, mas expressões de memória, de pertencimento e de gênero. Entendendo o território como panorama do todo, é possível mapear as ações culturais e artísticas, transformando os agentes culturais, que hoje são singulares, isolados, micros, em uma rede macro, que se transforme em uma inteligência social e coletiva (GUELMAN, 2017, s/p)

O projeto ainda em desenvolvimento, fruto da parceria entre a Universidade Federal Fluminense e a Fundação Nacional de Artes está percorrendo as diferentes regiões brasileiras no intuito de mapear como diferentes expressões culturais marcam determinadas paisagens e, mais que isso, provocam determinadas reações sociais. Com esta tese não se defende o determinismo da cultura, mas o fato de que a cultura marca e é marcada pelo território, daí a sua dimensão geográfica.

Em outras palavras, acredita-se que os grupos artísticos preocupados com a valorização da cultura afrodescendente são fundamentais na propulsão de uma conduta que, de fato, valorize a nossa diversidade cultural, sem velhos ranços. Porém, para esta amplitude, esses grupos devem ser estimulados a entender o território que atuam e o impacto de suas ações para além da micro territorialidade e, se possível, devem perceber conexões com outros grupos, que possuem objetivos aderentes. Forma-se, então, uma rede que agindo em um determinado território, na escala própria da horizontalidade, a partir das manifestações e ações artísticas, é capaz de promover o resgate cultural e uma ressignificação dessas manifestações numa nova conjectura territorial. Territórios da arte se justapõem em diferentes camadas: há aqueles próprios de cada grupo artístico que, com suas várias ações em diferentes pontos do território, levam a sua arte para diferentes públicos mas, também, esses grupos podem se articular com outros, tecendo redes de cooperação e resistência e, neste caso, tem-se territórios da arte consolidados numa rede com força para enfrentar as mazelas territoriais a que estão submetidos. Como nos dizia Milton Santos (2007, p.144), “gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade”

Caracterização do Grupo Savuru

O grupo Savuru surgiu em 1975 conhecido como Grupo Pé de Feijão. Na ocasião era um grupo de jovens que desejava concorrer com as suas músicas nos principais festivais da cidade. Já, em 1976 passou a se denominar Grupo Free, por acreditar que precisavam ter um nome competitivo e hoje, admitem, naquele momento havia uma forte influência americana na cultura brasileira. Mas, logo em 1977, perceberam que precisavam ajustar o nome à intenção dos integrantes. Decidiram pelo nome Savuru, em homenagem as centenas de índios mortos pelo regime militar. O nome Savuru significa História do Passado e, ao ter esta clareza, tornou-se fácil a objetivação do grupo: resgatar a cultura Popular Brasileira de origem afrodescendente além de pesquisar e promover danças, poemas, poesias e outras expressões artísticas evidenciando a importância da cultura afrodescendente em uma região metropolitana que passava e passa por intensas transformações culturais. Nos dizeres de Bene de Moraes, liderança do grupo, nascia assim, a proposta de resistir a uma cultura de massa que se impunha e, aparentemente, não deixava espaços para manifestações culturais locais.

O Savuru de hoje não é o mesmo que o Grupo Free, por outro lado, é seu resultado direto, numa evolução dialética. A evolução dialética é inerente a realidade e a realidade é movimento. Como pensar a realidade de forma linear? Se assim fosse, não seríamos surpreendidos pela História que, a cada momento, se revela criadora na sua forma e função. Enquanto forma nos revela novas perspectivas; enquanto função nos apresenta novos atores e novos agentes de futuras (trans)formações.

Daí o grupo eleger o movimento como o mote de sua existência: reconhece o valor da História do Passado, não para recriá-la, mas para reinventá-la. Ao mesmo tempo, enquanto dialéticos se declaram resistentes. Resistentes porque, sem perder seus princípios, estão atentos às demandas atuais, marcadas por um tempo globalizado. Neste tempo globalizado, exercem o movimento da sua negação resgatando a cultura afrodescendente e a apresentando, como resistência, em diversos eventos sociais, para diferentes atores.

Há, no grupo Savuru, uma liberdade criadora que é própria da Arte que transforma e revela, nas entrelinhas, o passado que a engendrou e, ao mesmo tempo, nos inspira a superar as amarras que, ainda, possam nos manter presos ao passado. Esta questão é muito própria da cultura afrodescendente no Brasil. Infelizmente, ainda somos presos às amarras do preconceito, do desconhecimento do território africano, do papel do negro na formação territorial brasileira. Tentam, a todo custo apagar a nossa História e, o que nos contam, está longe de nos representar enquanto povo brasileiro.

O resgate da cultura afrodescendente, então, não é apresentar as diversas práticas culturais como um saber fazer; é nos contar, em detalhes, seus sentidos e significados, nos levando para àquele tempo superando o próprio presente que nos prende a preconceitos infundados. Daí a importância de grupos artísticos culturais que resistem e nos revelam, ação após ação, como um povo emerge da sua criação histórica. É numa dança e teatro popular que descobrimos, tão simplesmente, a nossa evolução como seres sociais pertencentes a um território, portanto, sendo um povo.

Com esta filosofia em mãos, o grupo atuou fortemente em regiões periféricas em Campinas: por muito tempo esteve presente no Padre Anchieta e, atualmente, desenvolve suas atividades no Bosque Augusto Ruschi, no DIC I, localizado na região sudoeste de Campinas. Seus integrantes atuam em várias frentes artísticas: teatro, sendo destaque as peças: “Sou Caipira e Sou Feliz”, “Velas Aos Ventos”, “A Bomba”, “Símbolo de Uma Resistência”, “Canto dos Palmares”, “Ai Meu Paraitinga”, “O Palhaço e a Bailarina” e “Zumbi dos Palmares”; espetáculos de danças, tendo as principais: “Dançando como nossos Pais dançavam”, “Savuru: canta e dança as tradições do Brasil” e “Dançando as Raízes Afro Brasileiras” e Saraus. Toda a produção do grupo é fruto de pesquisas e composições próprias ou, em alguns momentos, de adaptações de artistas negros da região.

No entanto, ao longo desses quarenta e quatro anos não tinham registros da sua memória. Criavam as peças e as apresentam nos bairros periféricos de Campinas, sobretudo em escolas e associações, mas, sem consubstanciar a experiência – desde a criação – até a apresentação e impacto junto ao público. Logo no início dos trabalhos relativos ao projeto de extensão, a primeira ação foi elaborar a linha tempôro-espacial do grupo. Esta linha teve como objetivo relacionar o tempo histórico, cheio de fatos e narrativas aos diversos momentos de criação artística do grupo. Este trabalho se faz necessário com vistas a não perder a trajetória e, na salvaguarda da memória, direcionar melhor o planejamento de suas ações.

Mais recentemente, Bene de Moraes, tem se concentrado em ministrar oficinas de teatro e danças por acreditar que, além de salvaguardar a cultura afrodescendente formará pessoas cada vez mais interessadas na cultura podendo também ser porta-vozes na defesa do movimento popular afrodescendente. Na opinião dos artistas do Grupo Savuru, forma-se assim um movimento com uma única diretriz, para além do grupo e seus anseios. Nos dizeres de Reinaldo, outro integrante, “o importante mesmo é o movimento. Não é só a música, não é só o teatro. É movimento, o resgate da cultura afro, dos movimentos sociais que estão apagados no momento” (PLACIDO, 2018, p.05.).

Materiais e Métodos

A discussão aqui apresentada compõe um Projeto de Extensão desenvolvido junto a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da PUC-Campinas, desde 2016. É objetivo primeiro deste projeto elaborar a cartografia social de diferentes comunidades afrodescendentes em Campinas por entender que os mapas institucionais, inclusive os que fomentam políticas públicas voltadas a questão afrodescendente, não simbolizam, de fato, a riqueza cultural deste povo. Pretende-se a médio e longo prazos elaborar um Atlas consubstanciando as produções cartográficas, permitindo assim, que gestões ativas e participativas possam acontecer.

No desenvolvimento desses trabalhos a premissa fundamental é que os grupos precisam (re)velar seus territórios. Desta maneira, todo o trabalho se sustenta na metodologia participativa. São as rodas de conversas que motivam a produção cartográfica e esta produção é validada pelo grupo. Desta maneira, ao longo do ano de 2018 foram realizados vários encontros com o grupo. Em cada encontro, uma conversa versando sobre um tema: o que é Savuru?; Onde está?; o que faz? Quais os parceiros? Além dessas rodas temáticas, também acompanhamos algumas atividades artísticas desenvolvidas pelo grupo, conversando com as pessoas participantes: Por que estavam ali? O que sentiam? O que mais gostam? O que não gostam? O que mudariam? Esse acompanhamento com as pessoas nos permitiu perceber quais atividades/ações culturais desenvolvidas pelo grupo tem maior impacto no território.

As rodas de conversas foram gravadas, descritas e recortadas para compor os fascículos produzidos. Os mapas são produzidos a partir das palavras chaves coletadas durante as rodas de conversas. Até esse momento, o grupo não produziu os mapas diretamente, mas, nesta segunda etapa, que acontecerá ao longo deste ano, os mapas serão gerados a partir da percepção dos integrantes, uma vez que o foco será gestão e autonomia do grupo na rede geográfica em que estão inseridos.

Resultados e Discussão

Logo no primeiro encontro, percebeu-se que o grupo Savuru não se refere a si como um grupo, mas como Movimento. Este movimento se faz no território, portanto, é possível de ser cartografado e melhor percebido. Assim, os mapas produzidos logo na fase inicial do projeto de extensão junto ao grupo exemplificam melhor o que se entende como movimento

Interessante notar que o grupo nasce no centro da cidade de Campinas, muito ligado aos festivais da época. A medida que o regime militar impõe regras cada vez mais rígidas as

manifestações culturais, somado a dinâmica da cidade que se periferezava, o grupo definiu suas ações junto ao público afrodescendente expulso do centro da cidade para a periferia. Porém esses pontos não são “passado” na história do Savuru; ainda hoje o grupo desenvolve ações nos mesmos pontos, formando no território uma vasta área na qual se movimenta.

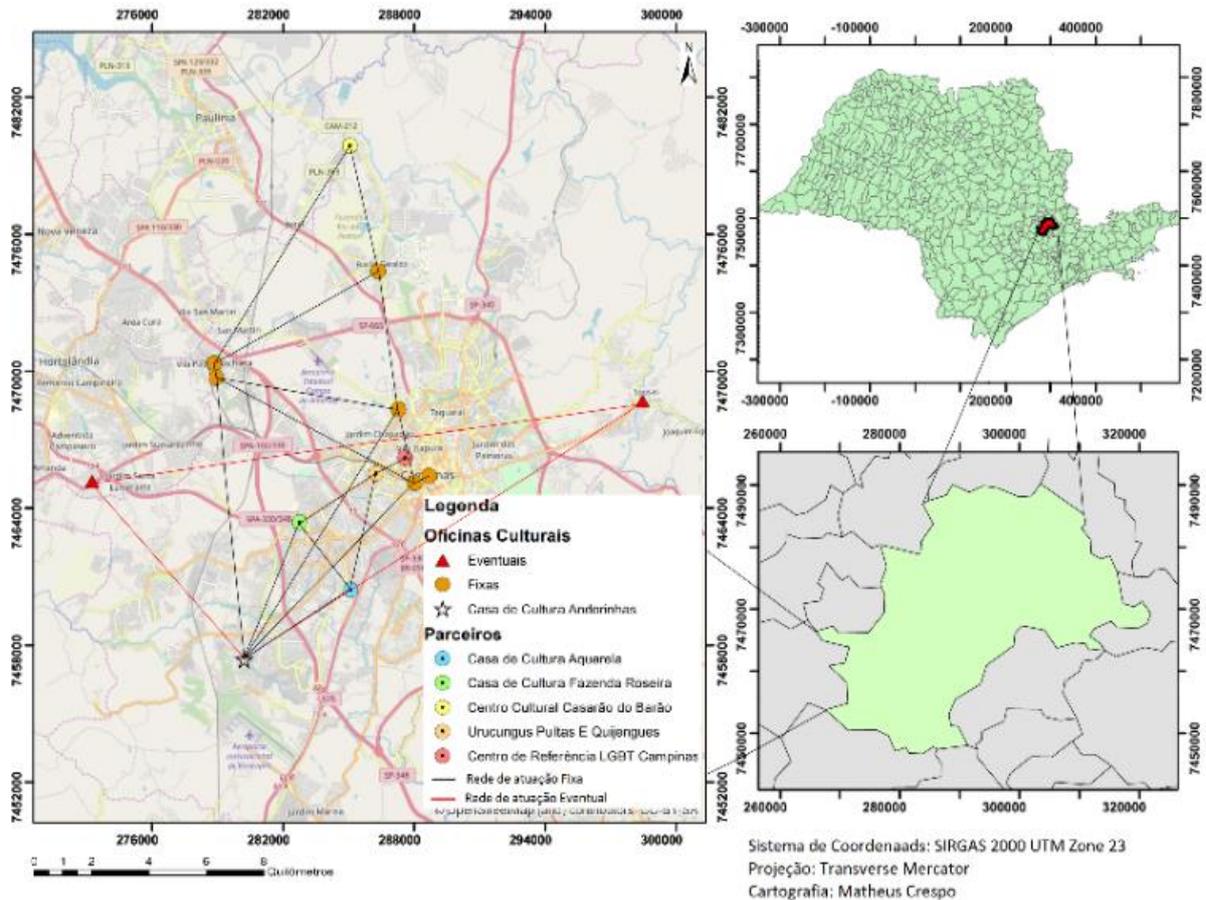
Este movimento claro no território é a principal característica do grupo que não se restringe a uma localização geográfica. O movimento se dá, então, em duas medidas: enquanto dialético na (re)invenção de sua história e, ao mesmo tempo, é territorial, uma vez que as ações do grupo estão diluídas em diferentes frentes culturais, em diferentes lugares.

Mas, pensar que o movimento dialético *per se* é o suficiente para resistir em um território cada vez mais competitivo, talvez não seja uma boa acepção. Não é raro nos dias atuais vermos grupos artísticos populares desaparecerem mediante novos nomes e ritmos apresentados pela mídia de massa que, rapidamente, são incorporados no dia-a-dia de milhares de pessoas. Isso nos faz acreditar que o território deve ser entendido com maior profundidade, pois é nele que toda e qualquer relação social acontece. É no enlace território e cultura que encontraremos possibilidades de respostas para resistir e se fazer presente nos lugares que são cada vez mais mundializados.

Os territórios são compostos por diversas redes, materiais e imateriais que definem em maior ou menor grau a forma como diferentes grupos sociais serão vistos, percebidos e compreendidos na causa de sua existência. Perceber as suas ações, em particular, para em seguida enxergá-las na rede com outros parceiros, é função primeira para, através da mídia na condição de mediadora, materializar as manifestações culturais locais em uma rede global. Desta maneira, o território da arte não é resultado, em suma, da capacidade do Grupo Savuru se movimentar abrangendo diferentes áreas. Ele é, acima de tudo, a própria rede de atuação do Grupo e esta, por sua vez, se dá pelas diferentes ações que o grupo organiza e desenvolve e, mais, pelos parceiros que se solidariza.

Nesse sentido, a partir de rodas de conversa com o Grupo Savuru, se elaborou o mapa apresentado abaixo, figura 01, apresentando as diversas ações do grupo no território e os seus principais parceiros nesses pontos, a saber: Casa de Cultura Aquarela, Casa da Cultura Fazenda Roseira, Centro Cultural Casarão do Barão, Urucungus, Puitas e Quijengues e Centro de Referência LGBT Campinas.

Rede de atuação das oficinas culturais e parceiros do Savuru em Campinas/SP



Fonte: Fascículo IV – Savuru: do grupo ao movimento, junho de 2018.

Esta figura evidencia, de certo modo, o território da arte do grupo Savuru. A definição deste território, acredita-se, é a principal ferramenta para o grupo continuar resistindo. Antes a resistência se deu à medida que o grupo se tornou Movimento. Aos olhos de uma pessoa desavisada, talvez esta estratégia se aproximava de sua extinção, mas, foi exatamente a sua salvaguarda. Ao se tornar Movimento, se permitiu “diluir no território. Assim, cada integrante pode atuar em áreas diferentes, expondo a cultura e fazendo dela um instrumento de resistência. Ao se diluir o Savuru resistiu a onda intensa da globalização vertical. Também, ao se diluir e se tornar Movimento, o Savuru acompanhou as pessoas que lhes interessava. Não se rendeu ao território, pelo contrário, se fez nele. Ao se fazer nele, o ampliou. Se, antes, atuava no centro da cidade de Campinas, hoje, atua no centro, em Barão Geraldo, em Sousas, no Padre Anchieta, no DIC I. É nesse sentido que o grupo resisti, ou seja, a resistência está em cada ação desenvolvida por seus integrantes, em diferentes lugares. Daí a infinidade de ações: Sarau, Dança, Teatro, Capoeira, dentre outras.

Este Savuru forte e resistente está em rede. A primeira, a sua própria formada pelos diversos pontos em que atua; a segunda, dos parceiros, também defensores da cultura afrodescendente em Campinas. Assim, a resistência também se faz esperança que, aliada a consciência territorial certamente será a mola propulsora para novas (trans)formações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmado no início deste texto, a cartografia sempre esteve ao lado da Geografia. No passado, muito mais como ferramenta; hoje, se coloca como instrumento de leitura, compreensão e análise do território. Na condição de instrumento a cartografia chegou a todos, inclusive àqueles povos e comunidades que nunca se viram num mapa. Ao se perceber em um mapa quase que, instantaneamente, se conscientizam que são sujeitos espaciais, ou seja, seus lugares não são apenas pontos cartesianos, mas também representam suas vidas, seus anseios, seus modos de vida.

Assim, sem exagero, é possível afirmar que uma das maiores revoluções vivenciadas pela ciência geográfica na atualidade é o fato de ter ampliado a compreensão da leitura espacial e, ao fazê-lo, possibilita novas formas de cidadania, ainda mais, se sujeitos nas suas realidades territoriais, são ouvidos e suas vozes, cartografadas. Cabe a nós, geógrafos, esta firme concepção a respeito da Cartografia, ou seja, não a tratar simplesmente como ferramenta, mas como instrumento capaz de promover consciências territoriais.

Com esta tese em mãos, o projeto de extensão aqui apresentado, traz à tona o uso da cartografia para uma compreensão maior do papel das Artes e Cultura no território, entendendo-as como peças fundamentais na concepção de cidadania, de direito à cidade, de salvaguarda de identidades, de ressignificação de valores e signos culturais, de capacidade de resistência, de possibilidade de coexistência territorial, dentre outros elementos. No nosso caso, em um ano de rodas de conversas e mapeamento, foi possível elaborar a linha têmporo-espacial do Grupo Savuru, mapeá-lo como movimento no território, mapear a rede horizontal do Savuru e a rede de parceiros. Desta maneira, o grupo compreendeu que a resistência não se faz apenas em diluir suas ações em vários pontos do território na periferia de Campinas; a resistência se faz quando se conhece o lugar e a sua capacidade de produzir território. É o território que, na sua fluidez e mobilidade, se conecta com outros lugares, outros atores sociais aderentes aos mesmos princípios. Assim, se forma redes de cooperação, de solidariedade social e de mobilização frente a

A importância da cartografia social para a compreensão do território da arte: o exemplo do Grupo Savuru, Campinas/SP

forças exógenas que chegam mascaradas e provocam verdadeiras rupturas com o lugar e a sua história territorial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri (org.) **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.

_____ (org.) **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro IPPUR/UFRJ, 2008. Disponível em: http://www.ettern.ippur.ufrj.br/central_download.php?hash=467ab838abf48499b7dbb9f41fa3268c&id=8

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Jeovah. “Cartografia social vem se consolidando com instrumento de defesa de direitos”. **Rede Mobilizadores**, 10 fev. 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP=V&CO DIGO=C20142610482831>

GUELMAN, Leonardo. **Territórios da Arte: cartografia brasileira da arte e cultura chega a UFF**. Setembro de 2017. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=noticias/28-09-2017/territorios-da-arte-cartografia-brasileira-de-arte-e-cultura-chega-uff>

PLACIDO, Vera Lúcia dos Santos (org.) Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes de Campinas, SP. **Fascículo I: Comunidade Jongo Dito Ribeiro – o território na perspectiva da vivência**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol.1. n.01, junho de 2017, disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/projeto-de-extensao-intitulado-cartografias-sociais-da-comunidade-afrodescendente/>

_____. Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes de Campinas, SP. **Fascículo II: Comunidade Jongo Dito Ribeiro – o território na perspectiva da gestão**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol.2. n.02, outubro de 2017, disponível em <https://www.puc-campinas.edu.br/projeto-de-extensao-intitulado-cartografias-sociais-da-comunidade-afrodescendente/>

_____. Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes de Campinas, SP. **Fascículo III: Comunidade Jongo Dito Ribeiro – o território na perspectiva da autonomia**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol.3. n.03, fevereiro de 2018, disponível em <https://www.puc-campinas.edu.br/projeto-de-extensao-intitulado-cartografias-sociais-da-comunidade-afrodescendente/>

_____. Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes de Campinas, SP. **Fascículo IV: Grupo Savuru – Do grupo ao movimento**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol.4. n.04, junho de 2018, disponível em <https://www.puc-campinas.edu.br/projeto-de-extensao-intitulado-cartografias-sociais-da-comunidade-afrodescendente/>

_____. Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes de Campinas, SP. **Fascículo V: Território e Resistência: ações do Grupo Savuru**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol.5. n.05, outubro de 2018, disponível em

<https://www.puc-campinas.edu.br/projeto-de-extensao-intitulado-cartografias-sociais-da-comunidade-afrodescendente/>

PNCSA, **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**. Site institucional. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com/>.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Difel, 1989.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.